

IDEOLOGIAS (RACIO)LINGUÍSTICAS ACIONADAS POR ESTUDANTES DE INGLÊS EM UM CURSO DE EXTENSÃO

(RACIO)LINGUISTIC IDEOLOGIES ENACTED BY ENGLISH STUDENTS IN AN EXTENSION COURSE

Ricardo Regis de Almeida 1

Resumo: Neste artigo, mobilizo fragmentos do material empírico problematizado em minha dissertação (ALMEIDA, 2017) com o propósito de lançar inteligibilidade às ideologias (racio)linguísticas forjadas pelos participantes de um curso de extensão cujo objetivo era oportunizar o debate, em inglês, de temas que emergissem de suas sugestões. As frentes epistemológicas presentes neste trabalho estão pautadas em estudos hodiernos sobre ideologias (racio)linguísticas (ALIM, 2016; KROSKRITY, 2004; MELO, 2019; ROSA; FLORES, 2015, 2017; ROTH-GORDON, 2016; WOOLARD, 1998) e indexicalidade (BLOMMAERT, 2006; FREITAS; MOITA LOPES, 2018; MELO, 2019; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018) como construtos teórico-analíticos em movimento. Devido à gama de assuntos problematizados no curso de extensão e com vistas ao aprofundamento das discussões teórico-analíticas ora apresentadas, concentrarei meus esforços em um único tema – Professions. A análise do material empírico, gerado a partir das interações ocorridas nos encontros gravados em áudio e vídeo e das reflexões escritas pelos participantes ao término das discussões, aponta como as ideologias raciolinguísticas a respeito de profissões foram acionadas pelos participantes a partir de diferentes recursos semióticos e se apresentavam incrustadas com outras categorias como as de gênero, sexualidade e classe social.

Palavras-chave: Ideologias (Racio)Linguísticas. Indexicalidade. Estudantes de Inglês.

Abstract: In this article, I choose fragments of the empirical material problematized in my master's thesis (ALMEIDA, 2017) with the purpose of shedding light to the (racio)linguistic ideologies forged by the participants of an extension course, which aimed to provide an opportunity for the debate, in English, of themes suggested by the participants of the study. The epistemological fronts presented in this work draw on modern studies on (racio)linguistic ideologies (ALIM, 2016; KROSKRITY, 2004; MELO, 2019; ROSA; FLORES, 2015, 2017; ROTH-GORDON, 2016; WOOLARD, 1998) and indexicality (BLOMMAERT, 2006; FREITAS; MOITA LOPES, 2018; MELO, 2019; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018) as moving theoretical-analytical constructs. Due to the number of themes problematized in the extension course and with the purpose of deepening the theoretical-analytical discussions presented here, I will focus my efforts on one theme only - Professions. The analysis of the empirical material, generated from the interactions that occurred in the aforementioned meetings through audio and video recordings and the reflections written by the participants at the end of the discussions, demonstrates how raciolinguistic ideologies concerning professions were triggered by the participants from different semiotic resources and were embedded in other categories such as gender, sexuality and social class.

Keywords: (Racio)Linguistic Ideologies. Indexicality. English Learners.

Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (2017) e Licenciado em Letras - Português/Inglês e suas respectivas Literaturas (2014) pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Transição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6018975801393976>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9049-8401>.

E-mail: ricardoregisalmeida@gmail.com

Introdução

Pensar em corpos, espaços e tempos que intentam solapar e romper com ideologias (racio) linguísticas por meio do ensino de língua inglesa (eis aqui outra ideologia linguística, afinal, o que seria *língua inglesa*?) parecia algo distante quando iniciei os meus estudos no curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês e suas respectivas Literaturas, em uma universidade pública estadual situada no interior de Goiás. À época, entre os anos de 2011 e 2014, as maiores preocupações de parte dxs professorxs¹ dedicadx às disciplinas relacionadas à língua inglesa daquela instituição me pareciam ser: ensinar x alunx a ter uma *boa pronúncia*, criar meios para que xs estudantes pudessem adquirir o máximo de vocabulário possível na *língua-alvo* e falar e escrever de acordo com a norma padrão, seja lá o que isso representasse.

Foi logo após esse íterim que vi uma de minhas amigas², amizade que teve início na graduação que começamos e terminamos juntos, desistir da profissão de professora de inglês por, dentre outros motivos entendidos por ela como *peçoais*, não se enquadrar nos ensejos de um projeto colonial responsável pela “contínua rearticulação de distinções coloniais entre europeus e não-europeus – e, por extensão, de corpos brancos e não-brancos³” (ROSA; FLORES, 2017, p. 622). Afinal, além de ser mulher e negra, ela me afirmava repetidas vezes não ter a língua inglesa como parte de seu repertório linguístico por nunca ter cursado inglês fora da universidade. Comungando do pensamento de Rosa (2019), ela se entendia e por vezes era entendida como uma *sem língua*⁴ em relação ao inglês, ainda que já tivesse ocupado o cargo de professora de inglês no centro de línguas da instituição que fez parte.

Numa primeira visada, podemos ter a ilusão de que histórias como a citada acima são de caráter individual, tornando difícil, por assim dizer, perceber de que maneiras essa micro-narrativa está imbricada em tantas outras macro-narrativas de corpos de mulheres negras e *sem-língua* e de tantos outros corpos subalternizados que se sustentam por meio de um projeto moderno-colonial mais amplo. Sobre o assunto, Menezes de Souza (2020, p. 12) afirma que, para xs pensadorxs decoloniais, “não é suficiente estar consciente somente da importância histórica e sociopolítica do lócus de enunciação de alguém quando se teoriza”, sendo necessária “uma estratégia de interrogação e interrupção desse paradigma de colonialidade”. É com base nessas palavras e por acreditar na urgência de me engajar – como sujeito branco e repleto de privilégios – em um projeto antirracista que situo e problematizo alguns dos estratagemas desse projeto colonial tão perverso que interpela tanto o corpo de minha amiga como os corpos de pessoas negras, indígenas, gays, queer, trans e de outros corpos desviantes (LOURO, 2015) no contexto brasileiro.

Cameron (2014) problematiza estudos que tendem a focalizar análises linguísticas como sendo fruto de algo localizado na mente individual e aposta no termo *representações* para melhor compreender de que modos as ideologias linguísticas produzem significados socialmente. Para a estudiosa, esta seria uma possibilidade de estudiosxs tentarem escapar de uma explicação reducionista a respeito de ideologias, citando como exemplo alguns sistemas codificados de crenças como o comunismo ou o fascismo. Ainda segundo ela, “focar em representações permite uma ampla gama de fenômenos a serem considerados e também desafia a tendência de distinguir

1 Farei uso do X marcando meu engajamento político juntamente com aqueles que o utilizam “como forma de apagar a diferença de gênero (gramatical e social)”. (BORBA; LOPES, 2018).

2 Embora a sua identidade tenha sido preservada neste trabalho e todos os episódios tenham sido reescritos por mim, ressalto que as informações e os fatos narrados no artigo foram apresentados e comprovados por ela antes da sua publicação.

3 continued rearticulation of colonial distinctions between Europeanness and non-Europeanness – and, by extension, whiteness and nonwhiteness.

4 Rosa (2019) faz uso do termo em um contexto estadunidense, no qual latinxs são vistos como falantes ilegítimos de qualquer língua. Para o autor, a estigmatização que resulta das forças de padronização das línguas, como do inglês e do espanhol por exemplo, pode ser vista como estratégia de racialização e racionalização de determinados corpos como linguisticamente inferiores. Neste artigo, utilizamos o termo *sem língua* no contexto brasileiro e com vistas a apresentar de que maneiras uma profissional mulher e negra, graduada em língua inglesa e já tendo atuado como professora dessa língua em outras oportunidades, não é entendida como capaz para ocupar o cargo de professora em uma escola pública de ensino médio. Isso porque, nas palavras de minha amiga, a entrevistadora exigiu um certificado de proficiência em língua inglesa de algum centro de línguas privado que pudesse comprovar a sua aptidão para assumir o cargo, algo que eu, sujeito branco que já frequentou escolas de idiomas, nunca precisei comprovar formalmente para ser contratado em nenhuma instituição de ensino.

proposições *ideológicas* de fatos *científicos*⁵ (CAMERON, 2014, p. 281, grifos no original).

Nesse viés, faz-se mister reivindicar mudanças em análises teórico-analíticas que focalizam ações individuais e práticas de fala como espaços fundantes das categorias de raça e língua/gem para inquirir de que maneiras as hierarquias de legitimidade racial e linguística operam na formação de sujeitos modernos (ROSA; FLORES, 2017). Nessa esteira de pensamento, saliento que os metadiscursos acionados por outrém sobre a suposta *falta de competência linguística* de minha amiga não se restringem ao seu contexto ou a sua experiência pessoal com a língua inglesa. Pelo contrário, foi preciso um projeto colonial mais amplo, articulado, duradouro e violento que a fizesse escutar essas palavras repetidas vezes e em diferentes espaços reafirmando que mulheres negras não são sujeitos capazes de produzir significado em outras línguas para que essas ideologias linguísticas se tornassem legítimas para ela, o que Moita Lopes e Fabrício (2013) chamam de *performances cristalizadas*.

Exemplo disso, é quando a coordenadora de uma escola pública, embebida dos ideais de branquitude, tentou impedi-la de assumir o cargo de professora temporária por ela não possuir proficiência suficiente em língua inglesa, ainda que tivesse cursado e sido aprovada em diversas disciplinas em/sobre inglês durante o curso de Letras. Em uma de nossas conversas, ela mencionou que tomou posse do cargo de professora porque o diretor daquela instituição, também negro, não reafirmou o discurso da coordenadora e permitiu que ela assumisse as turmas independente da opinião da coordenadora pedagógica. No entanto, a coordenadora tratou de encontrar uma professora concursada para ocupar o seu lugar o quanto antes. A meu ver, a atitude da coordenadora apresenta-se como mais uma evidência de que discursos racializados permanecem mais pervasivos do que nunca (ROSA; FLORES, 2017).

Trago experiências pessoais e de pessoas próximas a mim, como a de minha amiga mencionada acima, e alguns anos de leituras e discussões teórico-acadêmicas sobre perspectivas críticas no ensino de línguas (ANDRADE, 2017; FERREIRA, 2012; MATEUS; OLIVEIRA, 2014; MOITA LOPES, 2006; HOELZLE, 2016; PESSOA, 2014; PESSOA; HOELZLE, 2017; PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2012; SILVESTRE, 2017; URZÊDA-FREITAS, 2012, 2018), para reafirmar que foram essas histórias que contribuíram para a minha percepção de que é possível e necessário ensinar inglês de outros modos - a partir de perspectivas críticas e decoloniais. Comungando dos esforços dxs estudiosxs mencionadxs acima e de tantxs outrxs não citadxs neste artigo em desarticular discursos racializados, heteronormativos, patriarcais e classicistas por meio de um ensino crítico de línguas, propusemos, minha orientadora à época e eu, um curso de extensão durante o mestrado que oportunizasse o debate, em inglês, de temas relevantes para xs participantes e que emergissem de suas sugestões.

Neste estudo, aciono fragmentos do material empírico problematizados em minha dissertação de mestrado (ALMEIDA, 2017) com o propósito de lançar inteligibilidade às ideologias (racio)linguísticas forjadas pelxs participantes do estudo durante dois encontros⁶ em que discutimos o tema *Professions*. Para isso, apresento teorizações a respeito das ideologias (racio)linguísticas (ALIM, 2016; KROSKRITY, 2004; MELO, 2019; ROSA; FLORES, 2015, 2017; ROTH-GORDON, 2016; WOOLARD, 1998) e das indexicalidades (BLOMMAERT, 2006; FREITAS; MOITA LOPES, 2018; MELO, 2019; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018) como construtos teórico-analíticos em movimento; contextualizo como a investigação se deu e apresento brevemente xs participantes da pesquisa; trago à baila o material empírico e problematizo de que maneiras as ideologias (racio)linguísticas sobre o tema *Professions* foram acionadas pelxs participantes a partir de diferentes recursos semióticos e; por fim, teço algumas considerações sobre as implicações do curso nos repertórios linguísticos dxs participantes e nos meus repertórios durante e após os debates acerca do tema em questão.

5 focusing on representations allows a broader range of phenomena to be considered. It also challenges the tendency to distinguish “ideological” propositions from “scientific” facts.

6 A escolha pela palavra encontro em detrimento de aula trata-se de uma decisão política, haja vista que não queríamos que xs participantes do curso o encarassem como aulas, mas, sim, um momento de encontrar xs colegas para praticar e aprender inglês discutindo assuntos relevantes para elxs.

Ideologias (racio)linguísticas e indexicalidade como construtos em movimento

As múltiplas noções do que seja ideologia linguística perpassam áreas distintas do conhecimento, como a Linguística, a Linguística Antropológica, a Filosofia, a Sociolinguística e a Linguística Aplicada, para citar algumas, e são diferentemente compreendidas entre e até mesmo no interior desses ditos ‘ramos da ciência’. É curioso notar que os próprios autorxs, ao problematizarem e optarem por determinadas conceituações à respeito do que possa ser ideologia linguística, explicitam as *suas* ‘ideologias’, posicionando-se discursivamente dentro de uma gama de possibilidades de compreensão do termo. Assim, depreendo que os significados empenhados ao que se entende por ideologia são sempre precários, disputados, controversos, políticos, culturalmente situados e conflituosos.

Woolard (1998, p. 5) comenta que o termo ideologia foi cunhado no final do século XVIII pelo filósofo francês Destutt de Tracy, o qual tinha por objetivo “desenvolver uma ciência das ideias com suas bases na sensação”. O sentido inicial da palavra estaria, por conseguinte, relacionado a uma ‘ciência das ideias’. Desde seu nascimento, o conceito de ideologia tem sido ressignificado e tem se enveredado por múltiplos espaços, tais como o científico, o educacional, o religioso e até mesmo o político. É em meio a esse frenesi de ‘ideias’ e a nenhuma resposta sólida que busco amparo, ainda que transitório e limitado, em algumas das concepções de uso do termo que podem me auxiliar na escrita deste trabalho. Desse modo, embora haja dificuldades tradicionais relacionadas a sua conceitualização, o construto ideologia permite “⁷relacionar a microcultura da ação comunicativa com as considerações econômicas e políticas do poder e da desigualdade social, confrontar restrições macrosociais sobre o comportamento da linguagem e conectar o discurso às experiências vividas” (WOOLARD, 1998, p. 27).

Kroskrity (2004, p. 497, grifo no original) argumenta que “⁸as ideologias linguísticas são vistas como múltiplas e construídas a partir de contextos políticos e econômicos específicos, que, por sua vez, influenciam as ideias culturais sobre a língua[gem]”. O autor afirma ainda que, “⁹é útil considerar as ideologias de linguagem como um conceito agrupado, que consiste em um número de dimensões convergentes” (KROSKRITY, 2004, p. 501). No entanto, cabe ressaltar que os efeitos da globalização (FABRÍCIO, 2006) permitem que diferentes ideologias linguísticas produzam avaliações e desencadeamentos mais amplos a respeito do modo como a língua[gem] é compreendida e mobilizada pelos falantes.

Para Blommaert (2006, p. 511), uma das implicações de abordar ideologias linguísticas é que esse conceito “¹⁰desaloja uma série de conceitos e categorias estabelecidas e, assim, oferece infinitas oportunidades para revisar o conhecimento existente”. Como consequência disso, o autor discute o impacto das ideologias linguísticas em cinco tópicos de investigação diferentes. São eles: “¹¹(1) noções linguísticas centrais como ‘língua[gem]’ e (2) ‘texto’; (3) conceitos centrais da sociolinguística como ‘comunidade de fala’, com implicações para o estudo de políticas linguísticas e (4) mudança linguística; e (5) a história da linguística” (BLOMMAERT, 2006, p. 511, grifos no original).

É com base nas perspectivas trazidas acima (WOOLARD, 1998; KROSKRITY, 2004; BLOMMAERT, 2006), que discuto o conceito de ideologias linguísticas e proponho pensá-las incrustadas com outras categorias como raça, poder, gênero, sexualidade, classe social, entre outras. Para tanto, trago à baila autorxs como Alim (2016), Melo (2019), Roth-Gordon (2016) e Rosa e Flores (2017) para ilustrar e problematizar como as *ideologias raciolinguísticas* têm sido acionadas em diferentes contextos no sul e norte global.

7 relate the microculture of communicative action to political economic considerations of power and social inequality, to confront macrosocial constraints on language behavior, and to connect discourse with lived experiences.

8 language ideologies are viewed as multiple and constructed from specific political economic perspectives which, in turn, influence “the cultural ideas about language”.

9 it is useful to regard language ideologies as a cluster concept, consisting of a number of converging dimensions.

10 it dislodges a range of established concepts and categories and thus offers infinite opportunities for revisiting existing scholarship.

11 (1) central linguistic notions such as ‘language’ and (2) ‘text’; (3) central sociolinguistics concepts such as ‘speech community, with implications for the study of language policy and (4) language change; (5) the history of linguistics.

Alim (2016, p. 3) argumenta que a raciolinguística se trata de um novo campo do saber forjado coletivamente por estudiosxs que se dedicam a “¹²mobilizar os diversos métodos de análise linguística para perguntar e responder questões críticas sobre as relações entre língua, raça e poder através de diversos contextos e sociedades étnico-raciais”. O estudioso informa, ainda, que o termo ideologias raciolinguísticas foi usado pela primeira vez por Nelson Flores e Jonathan Rosa no ano de 2015, em um artigo intitulado *Undoing appropriateness: raciolinguistic ideologies and language diversity in education*. No estudo, os autores (2015, p. 150, grifo no original) utilizam o termo ideologias raciolinguísticas em destaque para argumentar que:

¹³[...] a construção ideológica e o valor das práticas linguísticas padronizadas estão ancoradas no que chamamos de *ideologias raciolinguísticas*, que confundem certos corpos raciais com deficiência linguística não relacionada a nenhuma prática linguística objetiva. Isto é, as ideologias raciolinguísticas produzem sujeitos falantes racializados que são construídos como desviantes linguisticamente, mesmo quando se engajam em práticas linguísticas posicionadas como normativas ou inovadoras quando produzidas por sujeitos brancos privilegiados.

Em outras palavras, independente da normatividade linguística empregada por corpos racializados, a posição desses sujeitos será confundida com um espaço de subalternidade e deficiência. Como forma de questionar esse lugar de desprivilegio, Rosa e Flores (2017, p. 621) intentaram compreender como e por que as categorias de raça e língua[gem] foram co-naturalizadas e propuseram imaginar a sua desnaturalização como parte de um projeto estrutural mais amplo de constestação da supremacia branca. Para isso, os autores reivindicam uma mudança histórica e estrutural de privilégios das interações individuais e das práticas de fala como espaços principais na criação e na negociação dos marcadores de raça e língua[gem] e passemos a “¹⁴investigar como as hierarquias institucionalizadas de legitimidade racial e linguística são centrais nos processos de formação do sujeito moderno” (ROSA; FLORES, 2017, p. 622).

Para Melo (2019), pensar e entrelaçar diferentes marcadores corpóreos como raça, gênero e sexualidade pode auxiliar na compreensão de questões identitárias da população negra brasileira, na luta por igualdade social e na própria transformação da economia do país por meio da inserção de diferentes minorias sociais. De acordo com a estudiosa, se pretendemos lançar inteligibilidade às práticas sociais em contexto brasileiro e se tudo está atravessado pelo discurso, o construto raça precisa ser problematizado e compreendido como categoria central em nossas pesquisas. Embora a autora não faça uso do termo ideologias raciolinguísticas em seus escritos, o seu engajamento na questão racial no contexto brasileiro e na luta por “uma compreensão da complexidade dos fenômenos sociais, linguageiros (discursivos e performativos) e das relações de poder em que estamos situados e exercemos” (MELO, 2019, P. 232) são evidentes e coadunam com os nossos interesses neste trabalho.

Por sua vez, Roth-Gordon (2016) conduziu uma pesquisa de campo em uma favela do Rio de Janeiro e percebeu como jovens em situação de pobreza se engajavam performativamente em práticas linguísticas e culturais que lhes permitiam agir sobre a aparência racial de seus corpos. O conceito de ‘maleabilidade racial’, cunhado pela pesquisadora, contribui para que possamos pensar “como as práticas linguísticas e culturais (o que as pessoas realmente fazem e como elas

12 bear the diverse methods of linguistic analysis to ask and answer critical questions about the relations between language, race, and power across diverse ethnoracial contexts and societies.

13 the ideological construction and value of standardized language practices are anchored in what we term raciolinguistic ideologies that conflate certain racialized bodies with linguistic deficiency unrelated to any objective linguistic practices. That is, raciolinguistic ideologies produce racialized speaking subjects who are constructed as linguistically deviant even when engaging in linguistic practices positioned as normative or innovative when produced by privileged white subjects.

14 investigating how institutionalized hierarchies of racial and linguistic legitimacy are central to processes of modern subject formation.

falam) são importantes para nossas avaliações diárias da raça de alguém”. Desse modo, “¹⁵raça não é algo que você vê apenas através de pistas visuais, mas é, em grande parte, construída através de como as pessoas *soam*” (ROTH-GORDON, 2016, p. 51, grifos no original). Logo, um dos meios mais contundentes que as pessoas fazem uso para darem sentido à raça, segundo a autora, é por meio das várias manifestações da língua[gem].

No que concerne às discussões teórico-analíticas sobre *indexicalidades*, Blommaert (2006) argumenta que análises de ideologias da linguagem tendem a ganhar quando deixam de ser uma simples tentativa de conexão entre forma e conteúdo. Nessa linha de raciocínio e com vistas a expandir os modos como essas análises ocorriam, o autor afirma que os enunciados são sempre incrustados por *indexicalidades*, responsáveis por produzir pistas sobre o gênero, a raça, o sotaque, o estilo, o grau de escolaridade formal e tantas outras características sobre quem fala ou não. Para ele,

¹⁶quando as pessoas se comunicam, elas produzem formas que se adaptam a um determinado gênero, carregam características estilísticas concomitantes e produzem mensagens metapragmáticas sobre o conteúdo, direção da interpretação, situação em um determinado evento, identidades sociais e relacionamentos válidos no evento (BLOMMAERT, 2006, p. 513).

Freitas e Moita Lopes (2018, p. 151) afirmam ser necessário problematizar a ‘mobilidade do signo’, haja vista que, para além de sua referencialidade, o signo sempre *indexa* e aponta “para o movimento dinâmico do significado na sócio-história, ou seja, para os discursos que *indexicaliza* em sua mobilidade”. Esse trânsito, segundo a autora e o autor, implica alguns deslocamentos principalmente relacionados à imprevisibilidade, à desigualdade e à assimetria na construção da vida social.

Moita Lopes e Fabrício (2018) salientam que essa ‘mobilidade do signo’ ocorre principalmente devido à globalização, haja vista que as mudanças do tempo, do espaço e da maneira de se encarar a vida social, oportunizadas por esse processo, permitem que nos situemos “cada vez mais translocalmente em meio a significados inovadores, criando, assim, oportunidades de confrontar novos sentidos” (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018, P. 770) a respeito de construtos como língua, gênero, raça e sexualidade.

Portanto, conforme visto nos estudos brevemente discutidos, a problematização de *ideologias (racio)linguísticas* e o conceito de *indexicalidade* como construtos teórico-analíticos sempre em movimento contribuem diretamente para a desnaturalização das categorias de raça, gênero, sexualidade, classe social, dentre outras. Nessa perspectiva, também aposto em uma reinvenção do termo ‘língua’, partindo da noção de que os *recursos semióticos* e as *indexicalidades em movimento* abordados por Moita Lopes e Fabrício (2018) se constituem como terreno fértil para quem busca ‘tirar a língua da cabeça’ e ‘lançá-la no mundo¹⁷’ (BORBA; LOPES, 2018). Esta noção, a meu ver, contribui para a proposição de Moita Lopes e Fabrício (2018) de imaginarmos a vida social local diferentemente, de nos situarmos cada vez mais translocalmente em meio a paisagens semióticas inovadoras e de confrontarmos novos sentidos por meio da fricção entre repertórios diversos.

15 race is not something that you “see” through visual cues alone – but it is, no small part, constructed through how people “sound”.

16 whenever people communicate, they produce forms that fit a particular genre, carry concomitant stylistic features, and thus produce metapragmatic messages about content, direction of interpretation, situatedness in a particular event, social identities, and relationships valid in the event.

17 Para Borba e Lopes (2018, p. 266), a metáfora de imundiçar a língua trata-se de lançá-la no mundo, único lugar em que é possível contribuir para qualquer mudança social. Segundo o autor e a autora, essa ideologia está intimamente ligada a grupos que lutam contra opressões de gênero e sexualidade como os ativismos feminista e LGBTQIA+.

Perfil metodológico

Neste trabalho, de natureza qualitativo-interpretativista (MOITA LOPES, 1994), aciono fragmentos do material empírico problematizados em minha dissertação (ALMEIDA, 2017) gerado durante dois encontros em que discutimos o tema *Professions*. As problematizações foram articuladas pelxs participantes do estudo, que, voluntariamente, procuravam e escolhiam os materiais (textos, vídeos, desenhos, músicas, reportagens, notícias e canais do *YouTube*) utilizados como ponto de partida para as nossas discussões. O meu papel de pesquisador-mestrando àquela época era o de sugerir textos (teórico-acadêmico) sobre os assuntos escolhidos, revisar linguisticamente os slides feitos pelxs articuladorxs dos encontros, dar feedback aos participantes a respeito de suas reflexões que eram escritas ao término de nossas discussões e estar presente em todos os encontros do grupo.

No que diz respeito ao compromisso ético que assumo com as pessoas que aparecem na forma de material empírico neste artigo, ressalto que os fragmentos analisados aqui só foram possíveis devido às leituras, aulas e discussões durante o meu doutoramento em uma instituição pública federal do estado de Goiás. Dito isso, saliento que todas as interações foram gravadas por meio de áudio e vídeo apenas depois do consentimento dxs participantes e de suas assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ademais, esse novo olhar lançado ao material empírico gerado durante a dissertação faz parte de minhas investigações durante o Doutorado e possui parecer do Comitê de Ética em Pesquisa de Universidade Federal de Goiás (UFG).

O material empírico analisado neste estudo foi gerado por meio da gravação em áudio e vídeo dos encontros supracitados e das reflexões escritas pelxs participantes ao término de cada encontro. As transcrições das interações registradas em áudio e vídeo ocorreram de forma *não-verbatim*, haja vista que o foco das análises girou em torno do conteúdo da fala dxs articuladorxs do estudo e não da estrutura linguística acionada por elxs. Neste artigo, utilizamos as gravações de dois encontros presenciais realizados nos dias 18/11/2015 e 25/11/2015 cujo tema de discussão era *Professions*. Os encontros ocorriam semanalmente e tinham duração de aproximadamente duas horas. Já as reflexões escritas pelxs participantes ao término dos encontros, chamadas por nós de *reflections*, tinham por objetivo registrar pontos de discussão que marcaram xs participantes e funcionavam como possibilidade de resgate e sugestão de outros temas. Estruturalmente, os textos eram curtos – uma lauda – e escritos em língua inglesa. Neste artigo, utilizamos as *reflections* dxs participantes abaixo referentes aos dois encontros que tivemos sobre o tema previamente mencionado.

Embora o curso contasse com outrxs participantes, trarei à baila apenas alguns fragmentos das falas de João, Msimone, Don Perignon e Tris (aqui representadxs por seus respectivos pseudônimos). As articuladoras dos encontros foram Tris (18/11/2015) e as Msimone e Don Perignon (25/11/2015). Abaixo, uma breve biografia¹⁸ dxs participantes da pesquisa:

Don Perignon era aluna do 3º ano do curso de Letras - Português e Inglês, da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Ela tinha 20 anos à época do estudo e não possuía experiência como professora de inglês, porém já havia feito curso de inglês em uma escola de idiomas (nível intermediário incompleto).

João é aluno egresso do curso de Letras - Português e Inglês, também na mesma instituição que Don Perignon. À época da pesquisa, o participante tinha 24 anos e possuía experiência de um ano como professor de espanhol na rede pública de ensino.

Msimone também é aluna egressa do curso de Letras - Português e Inglês da UEG. À época da pesquisa, a participante tinha 45 anos e possuía mais de dez anos de experiência como professora de inglês em um curso de idiomas de uma instituição pública.

Tris era aluna do 4º ano de Letras - Português e Inglês da UEG. À época do curso de extensão, a participante tinha 24 anos e se considerava falante intermediária de inglês. Tris também possuía

18 Trazer a biografia dxs participantes da pesquisa, ainda que incompleta e sempre parcial, constitui-se como aspecto relevante deste e de qualquer estudo de natureza crítica, haja vista que as identidades de raça, social e até mesmo linguística são informações importantes para qualquer trabalho que busca problematizar assuntos como os abordados aqui. É uma pena que, naquele momento, eu não tenha me atentado para a elaboração de fontes de pesquisa que pudessem me fornecer esse dados de maneira mais direta apesar de alguns deles ficarem evidentes em partes das interações dxs participantes do grupo.

experiência de seis meses como professora de inglês e espanhol em uma escola da rede pública de ensino.

Ricardo era pesquisador-mestrando no curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (IELT) e cursava duas disciplinas à época. Ademais, trabalhava como professor de língua inglesa em uma escola privada de idiomas e já possuía experiência de mais de cinco anos como professor de inglês.

Quanto aos símbolos e convenções utilizadas na transcrição do material empírico, trago um pequeno quadro que estabeleci com base em Sabota (2002) e Urzêda-Freitas (2012).

Quadro 1: Símbolos e significados utilizados na transcrição do material empírico

Símbolos	Significado
<i>Itálico</i>	Trecho em português
MAIÚSCULAS	Ênfase
()	Comentários do autor
[...]	Trecho suprimido

Fonte: elaborado pelo autor com base em Sabota (2002) e Urzêda-Freitas (2012).

Apresentados os participantes do estudo, passo agora para as análises que estão organizadas da seguinte maneira: em um primeiro momento, problematizo trechos das discussões ocorridas no curso de extensão sobre *Professions* e, em seguida, discuto as reflexões escritas pelos participantes no final do segundo encontro concernente ao tema em questão.

Imagine the world without a garbage man?

O primeiro excerto a ser problematizado é parte do material trazido por Tris, participante responsável pelas discussões no dia 18/11/2015. Ao iniciar nosso encontro naquele dia, Tris perguntou a cada um dos participantes, inclusive a mim, como se deu a nossa escolha profissional. Após nos escutar atentamente, a participante projetou uma reportagem no quadro sobre algumas profissões do futuro¹⁹, as quais, em sua maioria, estavam relacionadas à ecologia. Com base naquele material, um dos profissionais que nos chamou atenção foi o lixoólogo – um gestor de resíduos responsável por organizar o lixo no espaço urbano. Para problematizar o papel do coletor de lixo atualmente, a participante trouxe a foto de dois homens negros, com cerca de quarenta anos, vestidos com uniformes de empresas responsáveis pela coleta de lixo em grandes cidades, e a projetou para a turma fazendo os seguintes comentários:

[1] Tris: And this... (a participante mostra aos colegas a imagem de dois coletores de lixo) we're talking about garbage man... It's something strange, because it's a disliked profession²⁰.

João: Disgusting...

Tris: I've seen people talking that garbage men are dirty, like the IMAGE of DIRTY people.

Ricardo: We gotta... Sorry for interrupting you... but we gotta understand the role of language... What we preach! Like, when we're talking to our children, we always say: If you don't study, you're gonna become a garbage man. Understand? [...].

¹⁹ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT275532-17773,00.html>. Acesso em: 30 nov. 2020.

²⁰ Os excertos foram mantidos na língua em que foram originalmente produzidos, pois percebo a necessidade de, conforme sugere Blommaert (2006), me atentar à forma, ao conteúdo e ao movimento das ideologias (racio) linguísticas e das indexicalidades ali presentes.

So, I think we gotta CHANGE the way we speak. The discourse is very POWERFUL. What we say all the time has its influence.

Tris: [...] We're not equals. The society [...] we don't see all the professions with the same value, the same importance, like, people who do something important to us. Imagine the world without a garbage man?

O recorte acima, a meu ver, remonta a discussão sobre como a língua[gem] constrói e raci(on)aliza os corpos através das ideologias raciolinguísticas (ALIM, 2016; ROSA; FLORES, 2017), também atravessadas pelo tema das profissões. Tris percebe como a ocupação de coletorx de lixo é *indexalizada* nos corpos daqueles que, com base nas imagens de homens negros projetadas naquele momento, são vistos como pessoas sujas. Ao adentrar a seara da performatividade da língua[gem], a participante vislumbra o quão desigual a nossa sociedade é, e que nós não enxergamos xs profissionais com o mesmo valor e importância, encerrando a sua fala com o questionamento que dá origem ao subtítulo desta seção: *imagine the world without a garbage man?* A minha fala representa, ainda, um pouco do meu papel durante os encontros, que foi o de questionar e trazer o caráter racial, social, contingencial e político da língua[gem] para o cerne das discussões. Entretanto, saliento que esse trabalho não se restringiu a mim e foi distribuído, ainda que desigualmente, entre todxs xs participantes do curso.

O recorte a seguir é parte do debate ocorrido no segundo encontro sobre o tema *Professions*, realizado no dia 25/11/2015. Naquele momento, a discussão estava sendo mediada pelas participantes Msimone e Don Perignon. Abaixo, um trecho em que Msimone aborda questões de gênero presentes nas mais diversas profissões:

[2] Msimone: So, in our society, we have some jobs that should be performed or should be done by women and others that should be done by men. And if it happens the other way around, it's not accepted. I mean, they suffer prejudice or some kind of discrimination. It's not normal to see a woman driving a bus. Have you seen it?

João: Yeah, I have.

Msimone: Here in Anápolis?

João: Yes!

Msimone: Ok. We see, but it's not very common.

Ao fazer uso dos modais *should be done* e *should be performed*, Msimone parece partir do pressuposto de que existem condições pré-estabelecidas e inerentes aos corpos para atuarem profissionalmente. Isto posto, ressalto como as nossas representações (CAMERON, 2014), por mais que tensionadas e movimentadas durante o curso, ainda permaneceram intactas em alguns momentos das nossas falas. Contudo, é válido ressaltar que o trabalho com as perspectivas críticas em educação linguística, como foi o caso do estudo em questão, não deve ter pretensões de que xs participantes adotem uma epistemologia ou cosmovisão específica e/ou duradoura. Esses estudos buscam escutar empaticamente e problematizar questões sociais relevantes. Logo, o fato de Msimone não ter percebido os possíveis resquícios de heteronormatividade em sua fala naquele momento não implica que ela carregue consigo – em sua vida após o curso – essa identidade.

Dito isso, embora seja evidente e relevante a sua tentativa de problematização do assunto, acredito que Msimone parte de uma perspectiva binária e heteronormativa para tecer seu

comentário, haja vista que o dualismo homem x mulher foi empregado com o propósito de discutir questões de desigualdade social, exclusão e preconceito entre profissionais, partindo de ideologias heteronormativas de gênero e sexualidade.

As respostas de João também parecem ter sido importantes para o processo de reflexão de Msimone, visto que as afirmações dele sobre a existência de motoristas de ônibus mulheres fizeram com que a representação de 'normalidade' sobre corpos masculinos e femininos exercendo determinadas profissões asseverada pela participante fosse ao menos tensionada. Dito isso, gostaria de retomar alguns dos questionamentos lançados em minha dissertação para (re)pensar de que formas as ideologias (racio)linguísticas operaram naquela discussão. Afinal,

qual a relação entre profissão e identidade de gênero? Quem geralmente precisa "provar algo" ao se deslocar de suas atividades "socialmente aceitas": o sujeito da sexualidade hegemônica ou o sujeito da sexualidade desviante? (LOURO, 2015) Haveria, pelo menos, a *oportunidade* para o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, *queers*, transexuais, travestis, *drags* etc. atuar em *qualquer* profissão digna e respeitosa? (ALMEIDA, 2017, p. 86, grifos no original).

Com base nas indagações acima, sigo fazendo alusão às discussões trazidas em minha dissertação para pensar que "a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos" (LOURO, 2015, p. 77). Nessa vereda, acredito que entrelaçar questões de trabalho com diferentes marcadores corpóreos como raça, gênero e sexualidade também se configura como possibilidade para (re)pensarmos o papel de corpos subalternizados no contexto brasileiro e atuarmos em busca de uma menor desigualdade social entre as minorias, sejam elas marcadas por sua raça, gênero, classe social, ou ainda, a sua profissão (MELO, 2019). Ademais, a seara da *raciolinguística* se traduz como alternativa na busca por problematizações que trazem o corpo e a raça para o cerne da discussão.

O terceiro e último excerto que trago para ilustrar como o tema *Professions* foi abordado durante o encontro é um diálogo entre Don Perignon e eu a respeito de profissionais mulheres atuando como *motogirls* na cidade de Anápolis:

[3] Don Perignon: And 'motogirls'²¹ in Anápolis? Have just two and they... truck... (risos).

Ricardo: Truck drivers?

Don Perignon: *Sapatão. Como é que fala?*

Ricardo: Butch?

Don Perignon: One day I asked for another boy if... *se tem?*... have a "motogirl" in Anápolis and he say: Just two and he talked about this... He say they are *sapatão*...

Ricardo: Lesbians?

Don Perignon: *O termo foi sapatão mesmo.*

²¹ Motogirl foi empregado no sentido de mulheres que prestam serviço transportando pessoas em suas motos. O termo comumente utilizado é 'motoboy' e referência somente a homens, além de ser empregado de modo generalizado para todxs que ocupam a profissão.

Ricardo: Butch, yeah?

Don Perignon: This was prejudice because the woman don't have to be a lesbian to be a truck (driver) or a "motogirl".

Acredito que o trecho acima exemplifica o caráter político, social, parcial, contingencial e cultural das ideologias linguísticas (KROSKRITY, 2004). Isso porque eu só pude me engajar discursivamente no diálogo com Don Perignon e entender o que ela quis dizer por *motogirl* pelo fato de estarmos discutindo o assunto *Professions*, haja vista que o termo não é comumente empregado com este sentido em inglês. Ademais, o uso da expressão *truck driver* (caminhoneira) indexaliza corpos de mulheres desviantes (LOURO, 2015), uma vez que, se utilizada no universo homossexual, como acredito ter sido, o termo trata de mulheres masculinizadas. A meu ver, essas falas elucidam de que maneiras as ideologias linguísticas se apresentam interseccionadas com outras categorias, como as de gênero e sexualidade, uma vez que, por ser a profissão citada pela participante majoritariamente desempenhada por homens, as mulheres que nela se engajam acabam se tornando, aos olhos da heteronormatividade e do patriarcalismo, sujeitos homossexuais e masculinizados, conforme podemos depreender do depoimento dado pelo amigo de Don Perignon. Por fim, volto minha atenção para o modo como a participante se apodera das palavras ditas por mim no decorrer do excerto *truck driver*, *butch* e *lesbians*, para forjar, na fricção com outros repertórios mobilizados por ela, tais como *motogirl* e *sapatão*, novos valores e desenhos sociais (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018) concernentes à sexualidade e à identidade de gênero dos corpos que se engajam no ofício em questão.

Os próximos eventos são recortes das reflexões feitas pelxs participantes ao término dos dois encontros sobre o tema *Professions*. Tris diz ter pensado nxs colegas na hora de selecionar os materiais discutidos em sala, posto que ela queria mostrar-lhes os diferentes mecanismos utilizados socialmente para categorizar as profissões:

[4] In the moment I was choosing the material for the class, I found so many interesting things that made me think a lot about how to show my colleagues the difference of treatment about the professions, the different ways society labels everything based on status. I think this is so unfair not to talk about what we like and actually talk about what the others like and want us to do (**Tris – reflection**).

Msimone reflete sobre o modo como xs profissionais são escolhidxs e alega que estxs não devem ser selecionadxs de acordo com o gênero, raça ou escolha sexual do sujeito:

[5] We, as society, have to realize that the choice of an occupation/career cannot be based on gender, race (skin color), or sexual option. It's not these characteristics that will indicate whether the professional will or will not do a good job or be a good professional, but the commitment and engagement of the person (**Msimone – reflection**).

Por outro lado, Don Perignon problematiza o papel estereotipado da mulher nas profissões e afirma que este é construído socialmente:

[6] We talked about the prejudice suffered by different workers. We saw that the role of the women in society is constructed. People say that they just can be a nurse, a house cleaner, a teacher etc., and that they can't be a driver, for example. This

idea is spread in our society and families, and we can see these differences all the time [...] (Don Perignon – reflection).

Ainda que breves, as reflexões das participantes nos dão ndícios de como as discussões durante os encontros colocaram em xeque as nossas ideologias (racio)linguísticas. Embora o termo não seja usado explicitamente por nenhuma delas, o fato das participantes tratarem das escolhas profissionais partindo de uma perspectiva mais ampla, isto é, entendendo que elas são construídas socialmente e operam incrustadas com outros marcadores corpóreos como gênero e sexualidade, demonstra como as nossas discussões ofereceram oportunidades para desalojar ideologias (racio) linguísticas estereotipadas e revisitar o conhecimento existente (BLOMMAERT, 2006) a respeito das profissões em busca de novos significados. Ademais, acredito ser relevante salientar como as três articuladoras percebem que a escolha profissional não se dá em âmbito estritamente pessoal, pois as nossas representações estão sempre ligadas à instituições e à projetos estruturantes maiores. Nesse sentido, advogo que demos um pequeno passo durante o curso de extensão na busca por uma compreensão mais situada e política de como as hierarquias de legitimidade racial e linguística são fundantes na formação do sujeito moderno (ROSA; FLORES, 2017). Assim, ainda que de forma embrionária, sugiro que as reflexões de Tris, Msimone e Don Perignon apontam para uma noção de língua[gem] que nos possibilita vislumbrar a vida social local de modo diferente, tornando possível a criação de novos sentidos por meio da problematização e da fricção entre repertórios diversos.

Considerações Finais

Com base nas frentes epistemológicas propostas neste estudo e nas análises que o compuseram, percebi como as nossas discussões viabilizaram, por meio do (auto)questionamento e da fricção entre diversos repertórios linguísticos mobilizados em inglês e em português, a criação de diferentes sentidos a respeito das profissões. Ademais, o material empírico analisado demonstra como as ideologias (racio)linguísticas acionadas pelxs articuladorxs do estudo se apresentaram incrustadas com outras categorias, como as de gênero, sexualidade e classe social.

Outra característica importante é que embora xs participantes da pesquisa e eu tenhamos buscado tensionar as nossas ideologias (racio)linguísticas por meio da problematização de temas diversos, nós nos vimos, em inúmeras situações, agarradxs em nossas certezas, muitas vezes racializadas e dominantes. Nessa esteira de reflexão, argumento que as reflexões contidas neste estudo também serviram para que pudéssemos compreender que “as limitações, as incoerências e as incompletudes são partes de todo e qualquer trabalho de natureza crítica” (ALMEIDA, 2017, p. 119).

Por fim, gostaria de recuperar um pequeno trecho da entrevista²² realizada com a participante Msimone sobre possíveis mudanças, ainda que temporárias, acarretadas pelo curso de extensão responsável pelo material empírico analisado neste artigo. Nas palavras da participante:

[7] Msimone: [...] Eu senti muito naquele momento que estávamos falando das professions, sabe? Porque eu sempre, com os meus alunos, eu sempre fiquei muito no ensino de vocabulário mesmo. E aí eu fiquei pensando: [...] A gente TEM que, como professora, aproveitar essas oportunidades de você discutir aquilo com o aluno, porque você está preparando ele para a vida. Você está preparando ele, de ALGUMA FORMA, para ele escolher a carreira dele. Eu já tive uma aluna que me falou assim: Professora, eu vou fazer Letras por causa da senhora. Então, isso é muito importante e a gente, na maior parte das vezes, não percebe isso. A gente não tem esse senso crítico. A gente não é educada para isso. O nosso sistema não é para isso.

22 As entrevistas foram realizadas ao término do curso de extensão, em Português ou em Inglês, e referem-se a uma fonte de pesquisa que não foi utilizada como parte do material empírico analisado neste artigo.

É com base nessas palavras que ratifico a relevância de problematizarmos as ideologias (racio)linguísticas presentes nas profissões e em qualquer outro tema de cunho racial, social, político, religioso, cultural, linguístico etc., pois acredito que Msimone foi capaz de forjar novos significados para a sua atuação profissional após participar de um curso de extensão que permitiu isso a ela, o que poderá ser ampliado a partir de outras atitudes como a que foi explorada neste artigo. Embora eu não soubesse de que formas essas ideologias se reconfiguram e operam na exclusão de corpos racializados no momento em que uma de minhas melhores amigas se viu impedida de exercer o cargo de professora de inglês por ser mulher e negra, assim que tive a oportunidade de acesso e de refletir sobre o assunto de modo mais amplo, decidi me engajar na desarticulação desses discursos racializados por meio da minha profissão, e também alertá-la e problematizar com ela a violência muitas vezes imposta sobre o seu corpo e a sua língua.

Referências

ANDRADE, Maria Eugênia Sebba F. **Formação continuada crítica de professoras de inglês como língua estrangeira/adicional**: problematização de discursos e constituição ética dos sujeitos. Campinas: Pontes, 2018.

ALIM, H. Samy. Introducing Raciolinguistics: Racing Language and Linguaging Race in Hyperracial Times. In: ALIM, H. Samy; RICKFORD, John R.; BALL, Arnetta F. (eds.). **Raciolinguistics**: how language shapes our ideas about race. New York: Oxford University Press, 2016, p. 1-30.

ALMEIDA, Regis Ricardo. **Educação linguística crítica de aprendizes de inglês**: problematizações e desestabilizações. 144f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

BLOMMAERT, Jan. Language Ideology. In: BROWN, K. (ed.). **Encyclopedia of Language & Linguistics**, vol. 6, p. 510-522, 2006.

BORBA, Rodrigo; LOPES, Adriana Carvalho. Escrituras de gênero e políticas de *différance*: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. esp., p. 241-285, 2018.

CAMERON, Deborah. Gender and Language Ideologies. In: EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet (eds.). **The Handbook of Language, Gender, and Sexuality**. Malden: Wiley-Blackwell, p. 279–296, 2014.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade**: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas: Pontes, 2012.

FLORES, Nelson; JONATHAN, Rosa. Undoing Appropriateness: Raciolinguistic Ideologies and Language Diversity in Education. **Harvard Educational Review**, v. 85, n. 2, p. 149-171, 2015.

HOELZLE, Maria José. **Desestabilizando sociabilidades em uma sala de aula de língua inglesa em uma escola pública**. 2016. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

KROSKRITY, Paul V. Language Ideologies. In: DURANTI, Alessandro (ed.). **A companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell Publishing, p. 496-517, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MATEUS, Eliane; OLIVEIRA, Nilceia Bueno. **Estudos Críticos da Linguagem e Formação de**

Professores/as de Línguas: Contribuições Teórico-Metodológicas. Campinas: Pontes, 2014.

MELO, Glenda Cristina Valim. Anúncios de comercialização de escravos nos séculos XIX e XXI: trajetória textual, entextualizações e ordens indexicais. In: SZUNDY, Paula Tatitane Carréra; TILIO, Rogério; MELO, Glenda Cristina Valim. (Orgs.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada:** perspectivas sul-americanas. Campinas: Pontes, p. 229-259, 2019.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Foreword. In: PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, S. **Innovations and challenges in applied linguistics from the global south.** Routledge. 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **Delta**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo.; FABRÍCIO, Branca Falabella. Desestabilizações queer na sala de aula: táticas de guerrilha e a compreensão da natureza performativa dos gêneros e das sexualidades. In.: PINTO, Joana Plaza.; FABRÍCIO, Branca Falabella (Orgs.). **Exclusão social e microresistências:** a centralidade das práticas discursivo-identitárias. Goiânia: Cãnone editorial, 2013, p. 283-301.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca Falabella. Viagem textual pelo Sul Global: ideologias linguísticas Queer e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 18, n. 3, p. 769-784, 2018.

PESSOA, Rosane Rocha. A critical approach to the teaching of English: pedagogical and identity engagement. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 2, p. 353-372, 2014.

PESSOA, Rosane Rocha; URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio. Challenges in critical language teaching. **Tesol Quarterly**, v. 46, n. 4, p. 753-776, 2012.

PESSOA, Rosane Rocha; HOELZLE, Maria José. Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 3, p. 781-800, 2017.

ROSA, Jonathan. **Looking like a language, sounding like a race:** raciolinguistic ideologies and the learning of Latinidad. New York: Oxford University Press, p. 125-176, 2019.

ROSA, Jonathan; FLORES, Nelson. Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective. **Language and Society**, v. 46, n. 5, p. 621-647, 2017.

ROTH-GORDON, Jennifer. **From upstanding citizen to North American rapper and back again:** the racial malleability of poor male Brazilian youth. In: ALIM, H. Samy; RICKFORD, John R.; BALL, Arnetha F. (eds.). **Raciolinguistics:** how language shapes our ideas about race. New York: Oxford University Press, p. 51-64, 2016.

SABOTA, Barbra. **Leitura em língua inglesa:** a resolução colaborativa de exercícios de compreensão textual. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2002.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas:** teorizações construídas em uma experiência com o Pibid. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio. **Pedagogia como transgressão**: problematizando a experiência de professores/as de inglês com o ensino crítico de línguas. 2012. 285 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio. **Letramentos queer na formação de professorxs de línguas**: complicando e subvertendo identidades no fazer docente. 2018. 285 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

WOOLARD, Kathryn A. Introduction: language ideology as a field of inquiry. In: SCHIEFFELIN, Bambi; WOOLARD, Kathryn A.; KROSKRITY, Paul V. (eds.). **Language Ideologies**: practice and theory. New York/Oxford: Oxford University Press, p. 3-47, 1998.

Recebido em 01 de fevereiro de 2021.

Aceito em 09 de março de 2021.